O auctor descreveu assim o seu modo de fabricar éstas bellas amostras :

Toma-se um pouco de papel forte, segundo a grandeza que se quer, a sua superficie so por um lado é preparada com uma mistura de gomma arabica, melasso e agua ; quando ésta preparação está sêcca da-se-lhe uma demão de oleo fervido e alvaiade ; e depois d'esta sêcca da-se-lhe outras até que éstas capas tenham adquirido conveniente grossura ; em geral bastam duas demãos. Por cima pinta-se o que se quer. Para tirar depois ésta capa do papel põe-se este em cima de uma meza bem limpa, com a pintura para baixo ; humedece-se então o papel pelas costas, com agua bem limpa, e passados alguns minutos póde-se tirar a pellicula sem difficuldade e sem medo de a rasgar. O mesmo papel póde ser pintado trinta ou quarenta vezes A pintura que se tirou deve ser limpa com uma esponja. A pellicula n'este estado enrolla-se e guarda-se até que se queiram servir d'ella. O modo de a pregar consiste em alizar muito bem a superficie em que ella ha de ser pregada, e depois de bem limpa untal-a com uma mistura de oleo quente e colla de gelatina ; depois extende-se a pellicula do mesmo modo que se faz com o papel pintado.

NOVOS AGENTES CHIMICOS PARA A TINCTURARIA E IMPRESSÃO.

629 Estes novos agentes são : stannato e stannito de soda.

Prepara-se o stannato deitando n' um cadinho de ferro, em braza, onze kilogrammos de soda caustica, quatro kil. d'azotato de soda, e dois kil. de chloro de sodium ou sal-marinho. Ésta mistura é levada á fuzão e feita ésta ajunctam-se-lhe cinco kil. de estanho em massa reduzido a aparas, e meche-se tudo com uma varinha de ferro. Ésta composição depois de fria reduz-se a pó ou, faz-se cristalizar por meio da solução e evaporação, ou tambem leva-se a solução a ponto de cristalizar e solta-se como para servir de mordente.

Para o stannito de soda tomam-se dois kil. de sal commum 6,75 kil. de soda caustica. e 0,500 kil. d'azotato de soda, posto em braza n'um cadinho de ferro, e ajunctando-se-lhe 2 kil. d'aparas d'estanho. Depois d'ésta mistura derretida deixa-se esfriar, e faz-se o mesmo que ao stannato de soda.

Quando se quer usar do azotato de potassa n'estas misturas, a proporção deve variar na razão dos pesos atomicos ; porque o fim é sempre fornecer um atomo de oxigenio na formação do stannito, e dois atomos na do stannato.

Para preparar o estanho liquido dissolve-se 1,500 kil. de stannato de soda em 4 litros d'agua a ferver e ajunctam-se-lhe 12 litros d'agua fria, para a reduzir ao calor que se quer. Faz-se o mesmo ao stannito.

[*Le Technologiste* — *maio*, 1846.]

VERBENA.

630 Na Revista n.° 16, (vol. V.) deu-se noticia das virtudes da *verbena* para a cura das sesões e obstrucções, abonando-a com muitos factos apontados pelo benemerito auctor do artigo. Hoje tive a satisfação de ver inserto no *Diario do Governo* n.° 135, um artigo do sr. Dr. Lima Leitão (clinica-medica) sôbre o mesmo assumpto, onde apar das muitas considerações a respeito das propriedades d'esta planta, relata o habil clinico a cura por elle dirigida, na infermaria do hospital de San'José, de uma mulher hydropica, com a simples applicação de cataplasmas de verbena *(orgebão ou orgevão)*, cuja receita vem transcripta no mesmo artigo.

Um remedio tão simples, tam facil e efficaz, cumpre que seja propagado e aconselhado incessantemente. Á Revista pertence a primazia de o haver indicado, e todos os amigos da humanidade se devem empenhar na vulgarização de tam prestadio meio de curar uma das mais terriveis doenças.

DA MORAL.

> Mentis sive perceptionum historialum concinnare, modo illo quo Verulamius docet.
> *Spinoza, Epist.* 42.ª

631 A moral não me parece ter so por fim dar preceitos para regularmos nossas acções pelos dictames da justiça. Sua missão creio que é mais vasta. A pratica so deve apparecer como consequencia de principios theoreticos derivados da natureza do Eu. Em geral tem-se em moral limitado quasi exclusivamente os philosophos a explicar a idea da justiça ; mas o mundo moral é mais complexo, sem que por isso as leis que o regem sejam menos dignas da attenção do sabio do que as que presidem ao mundo intellectual.

Em psychologia, para systematizar os factos, admittiu-se uma fôrça innata ou entidade virtual, que se não póde desenvolver senão debaixo da influencia do mundo exterior ; e o fim da sciencia é explicar as condições da realização da consciencia, abstrahindo das variadas modificações que a determinam, ou antes comprehendo n'uma synthese universal a fórma mais geral d'essas modificações. O methodo que se deve seguir na deducção das faculdades que a abstracção nos leva a dar á alma, me parece difficil de definir, e mesmo creio que até hoje se não tem podido tal conseguir. Kant, é verdade, deduz rigorosamente as categorias das diversas fórmas dos juizos ; mas na escolha d'essas fórmas não se vê qual foi o *fio conductor* que o guiou. (Critica da razão pura.)

Philosophos posteriores a Kant tentaram ir além das categorias. Kant tinha indicado as tres ideas da razão, n'uma esphera transcendente a que o raciocinio não podia chegar ; Fichte foi mais longe : Pretendeu estabelecer um principio supremo d'onde se deduzissem todos os factos psychologicos (Doutrina da sciencia). Mas na indagação d'esse principio não se serve dos trabalhos de Kant, não passa pelas categorias. Applicando os preceitos de Bacon, d'uma proposição determinada, pela abstracção do que é accidental e contigente, deduz o principio mesmo da consciencia. E vê, como fundamento primeiro do proprio principio, o absoluto que não se atreve a encarar. Não é do nosso assumpto apreciar o valor d'este systema ; so nos cabe examinar o methodo que emprega seu auctor, para ver se é susceptivel de se applicar á moral. E debaixo d'este ponto de vista é importante observar que a escolha que faz da proposição A = A, a qual toma como objecto primitivo de sua attenção, é fundada na proximidade que essa proposição tem com o principio supremo [Doutrina da sciencia, §. 1]. Ora sendo-lhe este desconhecido como podia perceber tal proximidade? — Schelling é mais franco e luminoso. Primeiro, observa

SUMMARIO.

CORRESPONDENCIA.

— Sentimos muito não podêr inserir o artigo que com o titulo de *preces* nos foi enviado; porque nos parece demasiado ascetico para o nosso jornal.

— O mesmo dizemos d'outro: *votos de um cidadão liberal*, com cuja doutrina sympathizâmos, mas que nos parece d'um sentido politico que este jornal não comporta.

— Pedimos ao illustre auctor da bonita poesia que intitulou *Maria*, que nos dispense de a inserir em nossas columnas; ficando-nos porém os desejos de receber outras da sua penna para publicar, como ja alguma vez fizemos.

— A poesia do sr. J. V. B. da Costa, será publicada no proximo número.

CONHECIMENTOS UTEIS.

INDUSTRIA-NACIONAL.

627 Entre as muitas causas que concorrem para o atraso da nossa industria, duas, principalmente, me parecem ter influido mais do que qualquer outra para que os nossos productos sejam inferiores aos extrangeiros, ou, quando eguaes em bondade, muito menos estimados. A primeira causa é sem duvida, no nosso modo de ver, o pouco cuidado que o governo tem tido de auxilial-a; a segunda, o louco e phrenetico amor que a maior parte das pessoas consagram a tudo que é de terras alheias. N'um bom governo esperâmos achar o remedio que um tal mal precisa; e na boa organização da Sociedade da Industria Nacional egualmente esperâmos, que, convenientemente auxiliada, poderá fazer com que o nosso progresso material compita ao menos com o extrangeiro.

Deixando porém estas considerações, occupar-nos-hemos agora dos productos de gelatina, que n'estes ultimos tempos tem primorosamente aperfeiçoado e inventado o Sr. Pedro Ferreira Norberto. Sabido é o uso que desde muito tempo se tem feito das vellinhas, e algalias de cautchuc (succo da mimosa cautchuc) para dilatar o diametro da uretra, e promover a facil sahida da urina nos apertos d'este orgão. Por muito tempo a França nos forneceu estes apparelhos, até que o Sr. Vicente Leitão começou a preparal-os, sem comtudo lhe variar a materia. O empenho porém do Sr. Norberto foi muito louvavel procurando imitar as vellinhas de gelatina crua, que tem a vantagem de se dilatarem excentricamente, de se não fenderem, ou lascarem, e emfim de servirem ao mesmo tempo de meio dilatante e explorador: por isso que deixam sobre a sua superficie assignalada a depressão causada pelo calculo uretral no caso de existir. Não contente porém de penetrar nos arcanos da industria franceza, póde á custa de muitos trabalhos, e de muito gasto, conseguir fazer com a mesma gelatina as algalias que hoje se consommem em grande numero, e que foram de sua invenção.

Da possibilidade de fazer um objecto deduziu o Sr. Norberto a de fazer muitos outros; o que verificou com as capsulas de gelatina, contendo oleo de cupahiba (succo da cupahifera officinalis), que hoje não so exporta para todo o reino, mas tambem para a Inglaterra, Macáu, Goa, etc., para onde Mothes e Raquin as mandavam. Teve ainda a feliz idea de nos dar em capsulas de gelatina todos os medicamentos que pelo sabor, ou pequena dóze em que se devem dar, apresentam difficuldades de se administrarem dissolvidos em qualquer vehiculo. O quinino, oleo de figados de bacalhau, therbentina de Veneza, etc. estão conservados em capsulas muito perfeitas, cujo diametro varía desde o volume d'uma ervilha ao d'uma pequena azeitona; offerecendo assim a vantagem de poderem ser applicados mesmo ás pessoas mais susceptiveis, sem lhes causar incommodo. Ellas foram apresentadas pelo auctor, assim como as vellinhas e algalias, ás Sociedades Pharmaceutica e das Sciencias-Medicas, as quaes depois de madura discussão declararam serem estes productos superiores aos extrangeiros, e os novamente inventados de muita utilidade para a humanidade inferma, pelas causas ja mencionadas. Ultimamente na sessão da Sociedade Pharmaceutica, de 18 d'abril, offereceu o Sr. Norberto á mesma Sociedade um novo invento seu para vantajosamente substituir as contas de sirio, que ordinariamente se usam nos fonticulos: são contas de gelatina crua de diversos diametros, e que o medico póde escolher conforme a latitude que quizer dar ao fonticulo, designando-as com os numeros 1 até 9 do gradometro (que não foi possivel aqui representar). Ainda aqui se aproveita a dilatação excentrica da gelatina, e a propriedade que possue de se conservar por muito tempo, lavando-se em agua fria, e seccando-se.

Além do que mencionámos prepara o nosso digno compatriota umas pequenas garrafas, ou mamadeiras, se nos é permittida a expressão, egualmente de gelatina, e que pela sua fórma concedem ás mães trazel-as com leite juncto do peito, communicando-lhes o calor proprio, e facilitando assim ás creanças o uso d'aquelle alimento no caso de doença dos peitos, ou de outros inconvenientes.

Estes productos de gelatina teem sido devidamente apreciados pelos infermos, e pelos intendedores: teem mesmo merecido o applauso de intelligentes nacionaes e extrangeiros, sendo objecto de especiaes elogios das outras nações. Foi por julgar de summa importancia o annunciar o progresso da nossa industria, que escrevi este pequeno artigo, que julgo bem proprio de um jornal empenhado, como este, no progresso das sciencias e artes.

Sabemos que o Sr. Norberto tenciona appresentar na exposição da Sociedade da Industria-nacional todos os objectos que mencionámos, e mais alguns, de que fallaremos se nos competir traçar o relatorio da mesma exposição, n'este ou n'outro jornal.

João José de Souza Telles.

NOVO FORRO PARA PAREDES ETC.

628 N'uma das últimas sessões, da 'Sociedade das artes em Londres' Mr. Page mostrou grande número de pelliculas pintadas proprias para forrar paredes tectos etc. que imitavam a madeira, marmores, esculpturas etc., a que o inventor chamava *skin-paint*.

que nossos juizos são syntheticos ou analyticos [vide Systema do Idealismo transcendental]; e que o principio fundamental d'onde se derivam todos os juizos, so póde ser deduzido d'uma proposição synthetica e analytica ao mesmo tempo, character que so se dá na proposição de identidade A = A. D'aqui pela distincção que faz de elementos oppostos, cuja reunião se deve effectuar, vai achando differentes phases da fórma do Eu nas diversas epochas da consciencia. Demais, atreve-se a encarar o Eu absoluto, antes da apparição da consciencia, e na synthese necessaria d'esse infito com a natureza pretende que consiste o segredo da possibilidade da nossa existencia como seres conscientes. E convem notar que não se deve vêr n'essas ideas uma tendencia pantheistica, nem um motivo de accusação similhante á que Fichte dirige contra Spinoza, em ter dado ao absoluto qualidades que se não podem dar senão em objectos determinados, quaes são forçosamente todas as que a nossa consciencia póde alcançar, [vide Dout. da scien., loco citado] porque a theoria do absoluto em Schelling é toda baseada na sua phase determinada (relação com o determinavel), isto é na noção de causa: é tambem mister ver n'ella um salvaterio contra a duvida Berkeleyana de que Fichte diz (loco cit.) que em se sahindo se vai infallivelmente cahir no Spinozismo.

É n'esse ponto que me parece mais digno de attenção o progresso que Schelling fez fazer á sciencia: aferindo da analyse dos factos, a do momento da apparição da consciencia: subjeitando assim logicamente o sobrenatural não ás leis da natureza, mas ás da razão como causa. A historia vem confirmar a minha opinião. Fichte como confessando a insufficiencia de seu systema, refugiou-se na fé: foi abandonar a sciencia. (1) Em quanto que dos discipulos de Schelling, apezar do fanatismo de Gorres, os mais profundos, como Olshausen, e principalmente Hegel e Schleiermacher, tentaram submetter mesmo os mais espinhosos phenomenos da religião a uma explicação logica e racional. (Vide Strauss. Vida de Jesus, dissertação final, §. 145 e §. 147.)

O mundo moral é tambem rico de factos que o analysta não póde desprezar; não tendo comtudo methodo que o encaminhe n'esse inextricavel labyrintho de casos particulares, ser-lhe-ha porventura concedido expender as ideas que sôbre a classificação d'esses factos lhe houverem suggerido suas meditações.

O mundo exterior posto pela susceptividade em contacto com a alma produz a sensação: o facto de sentir é duplo: reune sempre uma intuição e uma sensação *pathologica*. Assim como a actividade intellectual se apodera das intuições e as subjeita ás leis que regulam sua realização, assim tambem as faculdades moraes recolhendo a sensação pathologica lhe imprimiram as condições da sua existencia. A sciencia do intendimento não se occupa senão do facto intellectual; mas na realidade cada intuição, cada juizo, cada raciocinio, é sempre accompanhado de sensações, e sentimentos moraes correspondentes. No momento da intuição so ha no mundo moral uma sensação pathologica; mas quando pela synthese das intuições apparece a idea e depois o juizo, o sentimento moral é manifesto. Para que este sentimento se transforme em motivo, é necessario que os juizos se reunam n'um raciocinio. Assim o mundo moral é como parallelo em seu desenvolvimento ao mundo intellectual, e dependem reciprocamente um do outro: se por um lado as faculdades do intendimento ficariam na apathia, não sendo excitadas pelas affeições moraes; por outro, os factos do mundo moral para se poderem realizar devem ser conformes com as leis do intendimento, bem que se regulem tambem por certas leis que lhes são particulares. O conhecimento d'essas leis constitue a sciencia da moral. A moral não se occupa em classificar os motivos, que não são mais que os sentimentos transformados pela razão; não são factos moraes puros; n'elles entra um elemento intellectual: nem tão pouco cura das sensações que não sendo ainda entre si ligadas pela apercepção, carecem dos characteres proprios a constituir elementos das sciencias psychologicas. — Mas do mesmo modo que Kant, pela deducção das categorias, estabeleceu as fórmas do intendimento, do mesmo modo se tentará descubrir as fórmas geraes do sentimento, estabelecendo como categorias moraes sentimentos d'onde dimanem todos os pontos moraes. — Do mesmo modo que Schelling (Idealismo transcendental, parte primeira, secção segunda) deduziu o principio de todo o conhecimento, do mesmo modo se deduzirá o principio supremo de toda a moral. — Eis pois a que se reduz a *construcção* do mundo moral;

1.° Estabelecer o principio supremo.
2.° Deduzir as categorias.
3.° Mostrar que por meio d'ellas se explicam todas as affeições moraes.

Bem que em todos os factos da consciencia tenha sempre parte o mundo intellectual, não se attende a elle para so se considerar o elemento pathologico. De mais, com quanto quem dê vida ao mundo moral seja a actividade e portanto a liberdade, como ésta so se desenvolve por meio dos motivos, e que além d'isso sua fórma se revela n'uma região transcendente, tanto mais pura quanto mais se approxima do absoluto, abstrahindo d'ella, se fatalizarão na sciencia os factos moraes. Finalmente, desde que uma acção apparece no mundo exterior, deixa de ser moral tornando-se n'um phenomeno physico. Eis pois traçadas as raias do mundo moral — *O campo em que se exerce a sciencia é a fórma que reveste o sentimento.*

A. V.

(1) Isto não quer dizer que a fé não seja um facto d'algum modo scientifico; mas so o será quando se podér explicar. Quanto a considera-la como principio é refutar completamente o methodo philosophico.

A COMPANHIA DAS LEZIRIAS PÓDE AUGMENTAR MUITO AS SUAS RIQUEZAS, E AO MESMO TEMPO AS NACIONAES.

632 A companhia das Lezirias, e principalmente seus socios-directores, devem fazer as applicações das operações productivas, que se lhes designarem, em todos os casos particulares, que se lhes offerecerem. O essencial é saber, o que constitue os trabalhos industriaes, isto é, os actos em que os aperfeiçoamentos se pódem introduzir.

Os directores da companhia devem ser os imprehendedores da industria agricula, e os agentes principaes da producção. As outras operações são indispensaveis á creação dos productos; mas é o imprehendedor, que as põe em execução, que lhes dá um impulso util, e que lhes tira valores. São os di

rectores de tão grande massa de bens, que devem julgar das necessidades do nosso paiz, e dos meios de as satisfazer, comparando o fim com os meios; assim devem por principal qualidade, ter um juizo claro: podem individualmente carecer de sciencia, fazendo um judicioso emprego da dos outros; pódem deixar de pôr as mãos nas obras e trabalhos, servindo-se dos braços d'outros; mas não pódem deixar de possuir bom juizo; porque do contrario farão grandes despezas em cousas de pouco ou nenhum valor. Tal é o erro, que arruina muitas vezes os particulares, e empece a prosperidade do paiz.

Portanto tudo o que contribuir entre um povo a rectificar o juizo, a dar geralmente justas ideas de cada coisa, é favoravel á producção das riquezas. O que pelo contrario falsear as ideas, depravar o juizo, e fizer crer, que taes e taes effeitos provém de causas que não são as verdadeiras, é prejudicial á producção, e por consequencia ao bem ser e prosperidade nacional.

Postos estes principios da sciencia economica, será uma grande conveniencia e necessidade esclarecer o juizo da 'Companhia das Lezirias', e se possivel fôr, tornar mais esclarecido o bom juizo dos Sr.s directores, chefes e imprehendedores dos trabalhos de agricultura.

Não será necessaria grande sciencia de trabalhos ruraes, nem difficultosas indagações, para intender dos meios necessarios, que produzam interesses mais vantajosos na gerencia da agricultura das lezirias.

Em Portugal a primeira consideração a fazer é, apreciar os mercados e as distancias.

Em um reino como o nosso, que por desleixo e ignorancia, não conhecida em outro paiz da Europa, nenhumas communicações faceis possuimos, seriam desastrosas muitas empresas que se pozessem em execução, sem a facilidade de levar aos mercados os seus productos. Não acontecerá o mesmo aos proprietarios das lezirias que, embarcando as producções de suas terras nas margens do Tejo, em poucas horas serão apresentadas nos grandes mercados de Lisboa. Desvanecido o primeiro, e maior obstaculo, que se oppõe ás emprezas do nosso paiz, segue-se apreciar, quaes os productos, e creações de animaes, que melhor convem fazer vingar e nascer.

A cidade de Lisboa é um grande mercado, que consomme manteiga e queijo no valor de 500 contos de réis, pelo menos, em cada anno, e mais de 400 contos em carnes. A manteiga em parte alguma da Europa é mais cara, do que em Lisboa, e a carne em poucas cidades de paizes extrangeiros será tão cara, como aqui.

A 'Companhia das Lezirias' tem, portanto, um mercado a poucas horas de transito de suas terras, onde se consommem dous artigos, que se vendem muito caros e que pódem ser fornecidos pela companhia, por preços inferiores aos porque correm agora no mercado, e assim mesmo fazer grandes interesses, economizar grandes sommas aos consummidores de Lisboa, ficando no paiz sommas grandes, que, sem o abastecimento das lezirias, passariam ao extrangeiro.

É ja indubitavel que dous productos das lezirias, os gados e a manteiga, serão consummidos no grande mercado de Lisboa, podendo competir não so com outros productores nacionaes, que lhes custa muito trazer estes objectos ao mercado, mas com os extrangeiros, que pagarão transito para o embarque, commissões, fretes, seguros, desembarques, direitos, venda em segundas mãos etc. etc.

Faz-se ainda outra apreciação facilmente, considerando que a cultura dos cereaes hoje, no Ribatejo e nas lezirias, feita pela companhia, exige em 1.º logar uma somma grande para empregar em utensilios e instrumentos de lavoura, grandes trabalhos para lançar o pão á terra, e fazer todos os amanhos, até que chegue a entrar no celeiro, pagando-se constantemente a immensa gente, que se occupa n'estes serviços. Se a cultura fôr de milho, a despeza será muito maior, e o proveito menor, attendendo ao seu preço comparado com o do trigo. Ha tambem a considerar as contingencias que vem á cultura dos cereaes, que são as esterilidades, e, n'aquelles sitios, as inundações, que destroem, muitas vezes, as melhores esperanças de colheitas abundantes. Não deve attender-se menos á concorrencia de cereaes extrangeiros, de que não é possivel evitar o contrabando por uma extensa raia, e pelo litoral, vindo dos Estados-Unidos, que remettem cereaes ás ilhas dos Açores, mas que se nacionalizam para entrar no reino, e entram comeffeito, com o trigo d'estas ilhas; nem póde conhecer-se qual seja o trigo de contrabando, vindo dos Estados-Unidos ou de Hispanha, porque em terras do Algarve, Alemtejo e Ribatejo, produzem-se trigos como os das ilhas, dos Estados-Unidos e Hispanha, sendo em tudo eguaes e similhantes.

Não ha fôrça nenhuma artificial dos homens, nem das leis, que se opponha aos grandes interesses, principalmente de subsistencias, em que as nações se acham sempre involvidas. As terras de Hispanha e dos Estados-Unidos, produzem trigo em maior abundancia, com menos trabalho e despeza do que em nosso reino, sendo as nossas em maior parte cultivadas por rendeiros, que nunca podem competir com as dos que são proprietarios, os quaes, tiradas as despezas da cultura e tributos, são seus todos os fructos, ao mesmo tempo que o rendeiro do Ribatejo e Alemtejo tem de pagar rendas avultadas, cujo producto vem consummir-se nas carruagens e palacios de Lisboa, sem que haja o fluxo e refluxo das terras, que dão prosperidade e riqueza, quando n'ellas se consommem.

Em consequencia de tantos transtornos não é possivel que os cereaes do Alemtejo e do Ribatejo possam competir com os de Hispanha e dos Estados Unidos, que se apresentam nos mercados por metade do preço, ou ainda por menos, do que se podem vender os nossos cereaes. As leis, os regulamentos, os fiscaes e os soldados, tudo se abate, illude e corrompe, em presença de interesses extraordinarios, e economia insensata de nossa terra. A argumentação de que se cultiva muito, e de que a producção de cereaes é muito maior do que em outro tempo, ja hoje não é verdadeira, porque se vão deixando, principalmente no Alemtejo, muitas terras á producção de pastagens, por não darem interesses os cereaes, vindo pelo nascente competir os de Hispanha, e pelo poente os dos Estados-Unidos, os quaes, principalmente, podem vender-se mais baratos que os de Beja, ou do interior do Alemtejo. Mas concedendo que a argumentação seja verdadeira, será sempre a maior producção prejudicial a

todos os rendeiros, que não poderão competir com os lavradores que cultivam por sua mão com mais cuidado e vigilancia e sem pagar rendas, podendo vender os cereaes mais baratos do que a companhia e rendeiros, que soffrerão todos os empates e transtornos, que o commercio dispendioso dos cereaes costuma trazer comsigo, quando não se vende á porta dos celeiros.

A companhia ou sua direcção nos dirá que não quer arrendar a fructos, mas somente a dinheiro. Parece-me que alguem tem informado, que são poucos os arrendamentos, que a companhia tem feito a dinheiro, e se continuar o systema de governar, que ha muitos annos tem havido em nossa terra, se não variar o systema monetario, e não se revogarem algumas leis barbarescas e assoladoras, não poderá a companhia fazer arrendamento algum a dinheiro, sem que fiquem inteiramente arruinados os rendeiros, assim como ja o estão os actuaes; porque não poderão supportar os excessivos tributos, a incommunicabilidade com o seu principal mercado, que é Lisboa, onde se impõe ao trigo um tributo de 50 a 55 réis por alqueire, tendo ja pago diversos tributos locaes, que montam a 90 réis por cada alqueire, estando de mais este genero sem valor, porque os capitaes, com que o commercio auxiliava a cultura, dirigiram-se para a agiotagem, e a abandonaram. Se alguns rendeiros continuarem a pagar rendas em dinheiro serão os primeiros a ficar arruinados, porque o dinheiro escaceará tanto, que somente haverá algum cobre nas provincias. Se alguem duvidar d'esta última asserção em uma mais detalhada demonstração se fará ver, quo é este o resultado que hade vir a um paiz incommunicavel, e governado por muitas leis damninhas, e improprias do estado em que nos achâmos.

Por agora so direi que não percisâmos mais do que um facto para demonstrar a escacez de dinheiro fóra de Lisboa, e é que o commmercio inglez não póde, por falta de dinheiro, fazer as suas transações no Alemtejo, e foi necessario estabelecer em diversas terras os seus commissarios, afim de fazer as suas transações pagando a prazos, vendendo e recebendo a prazos, e praticando quanto faz um negociante em paiz que lhe falta o dinheiro, primeiro e mais necessario elemento das transações. Ainda se nos apresenta outro facto mais decisivo, que é a decisão em que estão muitos lavradores da provincia do Minho, os quaes vendo o diminuto preço dos cereaes, e que não poderá elevar-se pela emissão de trigo de Hispanha, que desembarca nas duas margens do Douro, tem-se determinado a manufacturar manteiga e queijo, abandonando parte da cultura dos cereaes.

A Companhia das Lezirias por outra parte não poderá tirar interesses dos cereaes, porque é forçada, e força os proprietarios a fazer as tapagens e encanamentos, que são necessarios, no que se gasta grande somma de dinheiro sem interrupção e sem que possa evitar as innundações. As leis dos encanamentos e tapagens, que a companhia tem auctoridade de cumprir e fazer cumprir, não tem fôrça e vigor em sua mão, porque ella é juiz e parte ao mesmo tempo.

Eu poderia amplificar ésta demonstração, mas não quero nem levemente prejudicar a companhia; antes, por este trabalho, pertendo fazer que se estude ésta questão em que a nação e a companhia interessam de tal fórma, que somente das duas margens do Tejo se póde formar um reino rico e poderoso. A 'Companhia das Lezirias', que succedeu á casa do Infantado, e que tem a seu cargo a auctoridade do provedor das lezirias, para fazer cumprir as leis e regulamentos sobre valas e encanamentos, é n'este sentido uma companhia privilegiada, que póde ter a sorte de todas as que gozaram privilegios, que acabaram por fallir. Eu ja tive o trabalho de escrever a historia das companhias privilegiadas em 1838, antes da discussão do projecto para o restabelecimento da 'Companhia dos vinhos do Douro', porém n'esta nossa terra infada-se quem governa, e quer governar, quando se lhe mostra que a fôrça do mundo, dos homens e da civilização, zombam sempre das insensatas concessões em folhas de papel, que se oppõem á marcha natural da ordem pública. Se a 'Companhia das Lezirias' não mudar as culturas das suas terras, talvez se lhe possa demonstrar pelos relatorios annuaes de suas direcções, que fará sempre interesses insignificantes, obstando a melhoramentos que podem fazer-se.

N'este vasto campo de considerações economicas, abstenho-me de fazer mais uma, que se me apresenta ainda apartada, mas que supponho terá de realizar-se, e arriscar todo o capital e interesses da mesma companhia. Entretanto deixaremos este capitulo para os velhos e velhas de soalheiros, segundo a phrase do nosso bom Philinto.

(Continúa.) *[C. X. Pereira Brandão]*

PARTE LITTERARIA.

INFLUENCIA DO ESPIRITO FRANCEZ NA EUROPA DE DOIS SECULOS PARA CA.

633 A 24 de maio último abriu-se em Paris o decimo-segundo congresso do Instituto-historico (1). Entre outras memorias que se leram apresentou Emile Deschamps uma com o titulo que acima se le. O picante do assumpto, o nome do auctor, e a excellencia do escripto, me fizeram nascer os desejos de transcrever ésta memoria nas columnas da REVISTA. Importante para todo o mundo o objecto d'ella, é todavia para nós ainda mais interessante do que para outro nenhum povo. A litteratura franceza tem sido sempre, e é ainda hoje mais do que nunca preponderante, quasi que se póde dizer exclusivamente, entre nós. Pelo que respeita á mocidade, mancebo estudioso ha ahi, que mais sabe,

[1] Esta sociedade foi fundada em Paris em dezembro de 1833, com o fim de animar e propagar os estudos historicos em França e no extrangeiro. Convoca todos os annos um congress o historico, e tem muitos cursos publicos gratuitos, e um jornal com o titulo d'*Investigador*. O imperador do Brazil, os reis de Sardenha, Wrtemberg e dos belgas, e muitos principes reaes, são protectores d'este estabelecimento Os Viscondes de Santarem e da Carreira são membros residentes do Instituto. Esta sociedade divide-se em quatro classes: Historia-geral e historia de França; Historia das linguas e das litteraturas; Historia das sciencias physicas, mathematicas, sociaes, e philosophicas; historia das bellas-artes.

e mais le, e mais conhece das lettras francezas do que das patrias. Na litteratura dita ligeira, a que elles principalmente se applicam, não será licito ignorar o nome de um romancista francez, somenos que elle seja, ao passo que se ignoram os escriptos e os nomes de muitos dos nossos primeiros escriptores... Vergonha é confessal-o; mas a verdade d'este nosso estado litterario justifica a curiosidade que deve inspirar a memoria que se vai ler.

« Senhores: Qual tem sido a influencia do espirito francez na Europa de dois seculos para ca ?.. Antes de entrar n'esta questão convem especificar, por uma parte, as qualidades essenciaes, a natureza do espirito francez; por outra, os seus meios de influencia para trabalhar no espirito dos outros povos.

« Tudo isto se póde resumir n'uma palavra so a *sociabilidade*, levada ao último grau; a exquisita aptidão para viver em sociedade.

« D'aqui procede a necessidade da egualdade e o sentimento de tolerancia, feições characteristicas da nossa physionomia moral.

« D'aqui procede tambem certa fôrça de sympathia; e por último, uma lingua contagiosa (relevai-me a phrase), que são os nossos supremos meios de acção.

« Comeffeito, o espirito francez é sobre tudo um espirito de sociabilidade, producto indigena do solo das Gallias, que floresceu amorosamente em nossos tempos cavalheirescos, que multiplicou os seus mais admiraveis fructos tractado pela mão de Luiz XIV, e que tem atravessado viçoso pelas nossas revoluções e guerras contemporaneas. — Este espirito foi inspirado aos gallos de Brenno e de Vercingetorix pelas mulheres, que possuem o segredo innato d'elle, e a quem elles admittiam em seus conselhos politicos e marciaes. E assim se perpetuou nas altas classes da monarchia franceza, que foram por muito tempo a nação toda, por meio da elegante e delicada união dos dois sexos, e de toda essa cortezania presidida pelas damas, primeiro, á luz do sol, nas justas heroicas dos paladinos; depois, á luz dos lustres, nos pacificos torneios da conversa. D'este commercio intellectual dos dois sexos, nunca isto se dirá de mais, é que na verdade, procede o espirito de sociabilidade, e a arte da conversação que d'elle é consequencia e testemunho evidente. As conversas das mulheres entre si, a maior parte das vezes, é um fallatorio futil; e a dos homens uns com outros quasi sempre degeneram em parlendas pouco delicadas. Quasi que é passar de um viveiro de passaros para um açougue.

« Da feliz combinação, do interlaçamento das faculdades espirituaes da mulher com a do homem, resulta que as ideas francezas não são pesadas nem ainda mesmo quando são graves; e que podem ser ligeiras sem frivolidade. Ellas vão de Clemente Marot a Pedro Corneille, de Rabelais a Montesquieu; do *bello-espito* ao genio, correndo em seu voo e fazendo tocar todas as oitavas do teclado da intelligencia; de modo que a generalidade é, por assim dizer, a especialidade da França. Guardemos pois á mulher o logar que nossos maiores lhes deram entre si, e que nenhum outro povo ainda lhes fez tam bello; e assim conservaremos a causa incessante da nossa superioridade social.

« Dissemos que d'esta sociabilidade, que é peculiar do espirito francez, dirivava o sentimento de egualdade civil e o da tolerancia religiosa. É ésta (como se vai ver) uma deducção logica, fallemos so, primeiro, do sentimento de egualdade. Quanto mais vemos e tractâmos as coisas, melhor as conhecemos, quanto mais fallâmos d'ellas melhor as julgâmos. Ninguem desconhece, ha certo tempo para ca, que as desegualdades nacionaes contrariam mui frequentes vezes as desegualdades naturaes, e de exemplos em exemplos chegâmos a concluir que convem adoptarmos as últimas que são de instituição divina, e que não é nada philosophico complicar com categorias de raças e castas que são de instituição humana. D'este modo, a causa do merito pessoal e da fusão das classes estava ganha entre os habitos da França, e de Paris principalmente, ainda antes de ter triumphado em nossos codigos; e, quando menos, o nivel social estava restabelecidos nos salões ainda os mais aristocraticos. Quando o cardeal Richelieu, ha dois seculos, descarregou um golpe mortal no feudalismo, apro do podêr real, havia previsto que a lucta não suscitaria perigo nenhum de consequencia, porque elle trabalhava no sentido da egualdade, uma das predilecções constituitivas do espirito francez. O edificio feudal, depois da existencia d'este grande homem d'Estado, parecia-se com esses antigos monumentos, cujas construcções interiores estão quasi todas desmanchadas, mas que conservam a fachada como intacta. O vento de 1789 apenas soprou derrubou tudo. Finalmente, Richelieu [e ha n'isto certa paridade que porventura nunca se fez bem sentir] que sacudiu com uma mão e tam de rijo, a nobreza hereditaria do passado, instituia, com a outra, uma das nobrezas individuaes do futuro, creando a academia franceza. Que antecipada vista da proxima supremacia da lettras em França! O cardeal-ministro presentia ja que as lettras chegariam a querer affectar algumas das prerogativas da propria realeza, e que um dia se havia de dizer: ' o seculo de Voltaire,' como se devia dizer: ' o seculo de Luiz XIV!'

« Aqui está como o facto da egualdade se foi progressivamente estabelecendo so pelo podêr do espirito francez; até que a assembléa constituinte veio fazer d'esse facto um direito-nacional.

« Quanto ao sentimento de tolerancia religiosa, vejamos tambem porque elle deriva necessariamente do espirito de sociabilidade.

« Assim como certos povos semi-barbaros, e ignorantes dos outros por seu isolamento systematico, estão quasi persuadidos de que o resto dos homens não deve ter figura humana; assim tambem, antes de se verem e trocar palavras entre si, os sectarios das differentes religiões, ainda que da mesma patria, como que mutuamente se julgam monstros moraes.

« Por causa de nos não conhecermos, passâmos depressa da antipathia das crenças ao odio dos individuos. Mas se por um bom acaso taes antagonistas se encontram, ficam admirados de descubrir uns nos outros, ideas, paixões, virtudes communs; acham gôsto n'esta similhança, e, felizmente, mudando de sen-

timentos, passam d'uma sympathia reciproca á tolerancia das suas differentes crenças. Não existiu porém isto assim nas outras nações. E. se leis sanguinarias e successos funestos houve em França, em nome de uma religião de paz, por diligencias de uma politica sacrilega; se os odios religiosos continuaram a vegetar nas classes ignorantes, como em seu último reducto; a fraternidade social tinha-se ligado entre os homens illustrados de todas as religiões, e a opinião d'estes conteve e paralysou por muito tempo a velleidade furiosa ou insensata d'aquellas, até que a tolerancia se veio a tornar em regra commum.

« A França, com a sua igreja á frente, tinha repellido a inquisição no decimo-sexto seculo. A philosophia do decimo-oitavo [e é esta a sua maior honra] prégou victoriosamente e fez penetrar em todos os corações o dogma da tolerancia completa, que cedo veio a ser, e para sempre, um dos principios fundamentaes da lei franceza. Ainda se póde dizer mais, que a tolerancia religiosa é apenas uma extensão do principio de egualdade no dominio da consciencia. Mas quando fallâmos d'um immenso serviço feito pela philosophia do último seculo, talvez contrariaremos algumas opiniões respeitaveis: as nossas intenções são boas. Sabemos tudo o que as conveniencias, a verdadeira piedade, a mesma razão, tem direito de condemnar em certos livros ou em certas passagens dos livros dos nossos philosophos d'esse tempo. Glorificâmos aqui so os seus incontestaveis beneficios; mas tambem nos é impossivel, ainda agglomerando tudo quanto elles disseram d'erroneo, de convir com aquelles que, de boa-fé, accusam a philosophia de todos os horrores da nossa primeira revolução. O que é de que o crime e a insania não abusam, e qual é a arma que póde ser innocente nas suas mãos? Fizeram-se sahir cadafalsos d'entre as paginas da Encyclopedia, como n'outro tempo se havia feito apparecer fogueiras d'entre as paginas do Evangelho!

« Na verdade a philosophia franceza, apezar de suas abherrações, tem marchado n'estes dois últimos seculos na primeira fileira das philosophias europeas, mas com passo mui differente; é mais uma philosophia de acção que de abstracção; mais ardente nas apreciações que nas utopias, e cujos trabalhos, precursores das ideas humanitarias, teem incessantemente impellido os povos com a sua voz e os govêrnos com a voz dos povos para a perfectibilidade possivel N'este grande movimento, o espirito tem sem dúvida causado calamidades e catastrophes: a navegação do progresso é laburiosa e terrivel, elle nunca chega ao porto desejado senão atravez d'escolhos e borrascas. Mas que suaves consolações, que nobres alegrias não tem ésta philosophia derramado pelo seu caminho por meio de tantas desgraças! E que bello resultado para a sua patria: a tolerancia e a egualdade!

« E a nação franceza, que, porque não é pesada nem pedante, tem certa reputação de frivolidade tam solidamente estabelecida... é no fundo a nação mais philosophica da Europa. As suas choleras e os seus enthusiasmo, teem sempre tido por obejecto as ideas; ella não faz guerras nem revoluções senão em nome de um principio; os interesses são o que podem ser, mas tudo isso é instinctivo e não calculado nem pensado; o povo francez *é philosopho sem o saber.*

« Estabeleccemos que a sociabilidade é a essencia do espirito francez, e que ella havia produzido o sentimento d'egualdade e de tolerancia que em nós se encorporaram. Logo não é difficil decidir em que terá consistido a influencia do nosso espirito sôbre a Europa. Mas quaes são, principalmente, os povos e em que proporções temos nós tido melhor successo ha dois seculos para ca?.. O exame d'esta questão seguir-se-ha immediatamente áquillo que temos a dizer sôbre os meios de influencia e de acção que o espirito francez recebeu da natureza.

« Estes meios, como ja dissemos, são: primeiro, as fôrças de sympathia, depois o attrativo da nossa lingua. A origem d'ambos elles é a sociabilidade.

« A razão é simples:

« A necessidade de viver em sociedade e o desejo de relações, fazem logo as gentes benevolas e dispostas á affeição; ora, os sentimentos apanham depressa o seu nivel nos corações; em geral da-se o que se recebe: exerceremos nos outros a mesma sympathia que nós sentimos. A paixão converte-se em potencia. Aqui está o que aconteceu á França com os outros povos.

« Levada por seu instincto de sociabilidade, em todos os tempos ella os tem applaudido ou soccorrido. E tem realmente acolhido os seus infortunios e os seus talentos. A França tem sido a grande hospitaleira da Europa. Paris não é so a capital da França, é a patria de todos os que não tem patria: ou sejam principes cahidos ou cidadãos oppressos. Para as artes é uma cidade universal. Nos seus theatros, nos seus museus, nos seus conservatorios, nos seus jornaes, é onde as artes acham a consagração de seus triumphos duvidosos até ahi, porque so alli se acham reunidos o gôsto severo e o enthusiasmo, e uma palavra sahidas d'estas boccas ou d'estas pennas tem mil echos que a apanham e a levam a toda a parte.

» Paris é a estacada dos talentos.
» Não ha victoria bella como em França.
» Esquece o que ella calla, ou vota a glória.
» Londres tem oiro so, Paris tem exitos.
» Que ella julgue para opinar se espera:
» E o nome que acclamar est'outra Athenas
» Póde no mundo apregoar: sou rei! [1]

(Continúa.) *Emile Deschamps.*

ROMANCE.

UMA BEMFEITORA.

634 A festa era deliciosa, deliciosa de embriagar, um verdadeiro baile de millionario. Os grandes financeiros, a diplomacia, toda a gente do *tom*, se havia reunido n'esta brilhante companhia. Mil luzes derramavam um brilho de deslumbrar sobre mulheres radiantes d'infeites e formusura. Toda ésta multidão de afortunados e poderosos se agitava ao som de musica harmoniosa, por salas e gabinetes ornados com todo o prestigio do luxo, e com todas as mara-

(1) Paris est le champ clos des talents. La victoire
N'est belle nulle part comme chez nos *Français*.
Leur silence est l'ubli, leur suffrage est la gloire.
Londres n'a que de l'or, Paris a le succés
L'opinion attend qu'il ait jugé, pour croire:
Et, dant cet autre Athéne um nom prolamé roi
Peut aller par le monde, et dire á tous: C'est moi.

vilhas das artes. Ás duas horas uma ceia magnífica variou os prazeres da noite, e admirou por seu sumptuoso apuro a todos os convidados, ainda mesmo afeitos como eram ao prodigo esplendor das mezas opulentas. A claridade do dia começava ja a fazer amarellecer a das luzes, e as danças continuavam ainda, e um magico e impurrado galope fazia remoinhar essa multidão risonha e faustosa, e apresentava aos olhos incantados um circulo movediço de mulheres, joias e flores.

Esquecia-me de dizer que no fim da ceia madame Octavia de Montfort, tinha ja passado todos os duzentos bilhetes para o baile do asylo.

Deixemos, porém, este espectaculo de ventura e prazer, transportemo-nos ao quarto andar d'uma triste e pobre casa da rua Guénégaud. Depois de toda uma noite de vigilia um mancebo assentado a uma pequena mesa de pinho, coberta de papeis, de livros, e de instrumentos de mathematica, ao pé do fogão onde apenas fumegavam os restos de poucos tissões, prostrado de cançasso, tinha adormecido, com a cabeça cahida sobre o peito. O candieiro quasi apagado deitava ainda sombrios reflexos sobre o rosto pallido e melancholico do mancebo. A porta aberta d'outro quarto deixava ver a cama em que dormia uma senhora idosa, cujas feições mortificadas manifestavam aflicção e doença. O excessivo aceio de tudo mal disfarçava a indigencia d'este modesto aposento.

Alguns trastes velhos, aguarentadas reliquias d'antiga abastança, entristeciam a vista por amor da sua elegancia arruinada. Um cão deitado aos pés de seu dono, acabava de acordar ferido pelo primeiro raio do sol, e fitava no mancebo que dormia olhos attentos e protectores. Derepente toca a campainha da porta, o cão salta precipitadamente, e faz ouvir um pequeno ladro, que reprimiu logo olhando para a cama da velha. «Cala-te, Fox!» diz-lhe o mancebo acordando e esfregando os olhos. «Parece-me que bateram á porta!.... Que será isto, logo pela manhan?» E foi abrir. Era M. Didier, o homem vestido de preto, do masso de papeis, e de rosto tranquillo e honrado. Mas M. Didier d'esta vez não vinha so: trazia comsigo dois homens, um dos quaes Fombreuse conheceu que era o porteiro da casa vizinha.

«Que quer de mim, senhor?» perguntou Fombreuse.

— Peço perdão, respondeu Didier fazendo a sua cortezia; vós não me conheceis, ainda que eu tenho tido a honra de vos fallar por varias vezes.... Venho pedir-vos o pagamento d'esses mil francos (sem contar as custas) que deveis á herança de Blergy....

Fombreuse estremeceu.

«E estes dois senhores que querem?» perguntou elle apontando para as duas pessoas que vinham em companhia de Didier.

— São as duas testemunhas necessarias, respondeu Didier algum tanto constrangido; porque se me não poderdes pagar ésta manhan, peço que me desculpeis, mas ver-me-hei na necessidade, para cumprir com as terminantes ordens que recebi, de fazer penhora nos vossos trastes.

Fombreuse sentiu que o coração lhe havia cessado de palpitar; veiu-lhe á idea sua mãi velha e doente, que la dormia um pouco socegada n'esse leito que so a vender. Titubeou, e a testa se lhe cobriu de suores frios. Fez porém quanto pôde para se aquietar, e com voz cuja emoção procurava serenar, perguntou a Didier se o porteiro que tinha conhecido da casa defronte, era algum dos seus officiaes de diligencias?

— Não, senhor, respondeu Didier; mas como nós não podêmos fazer penhoras sem duas testemunhas, e quando sahi do meu quarto so um dos meus officiaes tinha chegado, por isso fui buscar uma pessoa da vizinhança.

O infeliz mancebo ficou como petrificado, e na última das humiliações. Este porteiro conhecia-o, por que Fombreuse dava lições de mathematica na propriedade que elle guardava.

Didier não tinha mau coração, e não o fez de proposito, mas so para se conformar com os usos da sua profissão. Pareceu-lhe coisa natural chamar este porteiro, e não podia pensar que tinha deshonrado um homem

O porteiro pela sua parte era um estupido, que nado d'isto lhe importava, senão ganhar os vinte soldos por ter subido ao quarto andar: e ja se estava preparando para contar a sua fortuna a todo o quarteirão da rua.

Antes de passarmos adiante, e emquanto Didier fica fallando, expliquemos a divida de Fombreuse; e informemos o leitor de como o pobre mancebo se achava devedor de mil francos aos herdeiros do conde de Blergy.

Este fidalgo, pai d'Octavia ' esposa do capitalista Montfort ' tinha exercido importantes empregos, vantajosamente retribuidos, que lhe haviam dado occasião a augmentar ainda mais a grande fortuna que herdára de seus avós. Além d'isso, uma vasta capacidade scientifica lhe realçava o esplendor dos titulos e da opulencia; a primeira das corporações scientificas de França o contava no número dos seus mais illustres membros; finalmente, era um dos contemporaneos mais notaveis, mais brilhantes, e com mais justiça respeitado.

A especialidade para que Fombreuse tinha dirigido os seus trabalhos e os seus estudos, era exactamente a mesma que tinha adquirido ao conde de Blergy a sua bem merecida reputação de sabio. Ésta circumstancia, um importante trabalho publicado por Fombreuse, algumas dignas memorias por elle lidas na academia das sciencias, tinham attrahido a attenção do sabio velho sobre este mancebo. Uma certa familiaridade, que o proprio conde tinha promovido e diligenciado, se havia estabelecido entre o academico e o seu joven emulo; a porta do conde de Blergy estava sempre aberta para Fombreuse, e se algumas vezes o filho e as filhas do conde lhe mostravam injuriosa frieza, e a altivez offensiva d'uma soberba intractavel, em paga d'isso encontrava no pai elogios d'amigo, animação affectuosa, que redobram a energia d'alma e fortificam o coração, na idade em que uma unica palavra é bastante para nos exaltar aos nossos proprios olhos, e inspirar-nos grandes pensamentos.

Não tardou muito que um generoso obsequio viesse augmentar ainda, se isso era possivel, a gratidão de Fombreuse. Vagou um logar de substituto n'um dos collegios de Paris; o conde de Blergy alcançou-o para o seu afilhado. Este logar era de modico ordenado; mas era honroso, e chegava com mais alguma coisa

de varias lições particulares, para pôr Fombreuse em estado de fazer certa a sua mãi uma existencia tranquilla, e de continuar em paz os profundos trabalhos a que tinha consagrado o seu futuro.

Fombreuse, assim chegado ao complemento das suas esperanças, quasi que não tinha nada mais a desejar, quando uma desgraçada circumstancia veio perturbar o socego da sua vida, e entregal-o ás mais crueis perplexidades. Tendo ficado imprudentemente por fiador de um amigo que não merecia a sua confiança, e que indignamente a illudiu, reduziu-se á mais penosa posição, e comprometteu a sua liberdade.

Debalde buscava meios de sahir d'esta crise dolorosa em que se achava, e d'esconder aos penetrantes olhos de sua mãe a inquietação de que era devorado, quando lhe trouxeram uma carta. Conhece a lettra do conde que o honrava muitas vezes com amigavel correspondencia. Rasga a obrea... que impressão não foi a sua ao achar dentro uma nota de mil francos, acompanhada da seguinte carta:

« Um dos nossos amigos communs me contou o embaraço em que vos tinha posto uma generosidade demasiadamente credula. Não é justo que por tão modica quantia se perturbe o vosso socego, e se interrompam serios trabalhos tão importantes para o vosso nome como para a sciencia. Acceitai isto; é a quantia de que precisaes, e que me reputo feliz de vos podêr offerecer. Não olheis ésta remessa senão como imprestimo, que satisfareis quando vos for possivel. Acceitai-a, principalmente, para merecerdes perdão da falta que commettestes em me não dar parte do embaraço em que vos achaveis »

« Vosso amigo,

Conde de Blergy. »

Quem poderia descrever o que se passou na alma de Fombreuse á leitura d'este bilhete? Penetrado da mais viva gratidão, mas inteiramente decidido a recusar, da-se pressa a correr a casa do conde. Agradece-lhe com as lagrimas nos olhos, e quer obrigal-o a recolher a sua generosa offerta; mas o conde insiste com tanta delicadeza e amizade, poupa de tal modo o melindre do mancebo, pede-lhe com tão obrigativa bondade, que Fombreuse cede, afinal, ás suas instancias; mas com a condição de que elle lhe passará um escripto de divida para pagar aquella dentro d'um anno.

« Pois sim. » Disse sorrindo o nobre velho.

Fombreuse chegou-se a uma mesa e escreveu precipitadamente o seu recibo.

« N'este escripto de divida, Fombreuse, » disse o conde atirando com o papel para dentro da carteira, « dais vós direito a venderem-vos a bibliotheca, e prender-vos, se faltardes ao pagamento! » E despediu-se do mancebo, recommendando-lhe que se não esquecesse de vir no outro dia almoçar com elle.

Passou o anno. Fombreuse tinha contado pagar com o producto da venda d'um *Tractado de Geometria*. Mas as circumstancias pareceram desfavoraveis ao livreiro que devia compral-o. No mesmo dia em que expirava o praso, Fombreuse veio todo tremulo desculpar-se com o conde.

« Que é isto, lhe disse o velho, ainda pensais n'essa bagatella! M. Fombreuse, se me tornais a fallar n'isso declaro-vos que fico mal comvosco para sempre. »

E demorou-o para jantar.

Passaram mais tres annos, nos quaes Fombreuse mais favorecido pela fama do que pela fortuna, adquiriu cada vez mais a estima dos sabios, e em particular a do conde de Blergy, que não se cançava de o honrar com a sua confiança e intimidade. Mas o pobre mancebo não podia pagar, e não se atrevia a fallar na sua divida ao seu bemfeitor com receio de lhe desagradar.

No fim d'estes tres annos o conde de Blergey morreu derepente, deixando uma grande fortuna a seu filho e ás suas duas filhas, a mais velha das quaes tinha casado havia pouco com o capitalista Montfort, e a mais moça com o general Maugrand.

Foi uma grande perda para o Estado e para a sciencia a morte do conde de Blergy. Ésta perda ninguem a sentiu mais do que Frombreu-se. Acompanhou cheio de dor o feretro do illustre finado, e ajunctou a sua fraca voz ás vozes eloquentes que pagaram ao tumulo o derradeiro tributo do respeito e da saudade

Desgraçadamente entre os milhões que deixava o conde de Blergy a seu filho, a suas filhas, e a seus genros, achou-se o escripto de mil francos assignado pelo pobre mathematico.

Dois mezes depois da morte do conde, estava uma manhan Fombreu-se lendo a sua correspondencia com elle, para se distrahir dos seus trabalhos, e gozava de suaves recordações nas affectuosas cartas que lhe tinham sido dirigidas em todo o tempo da sua amizade, quando ouve bater á porta, — vai abrir, era sua mãe que vinha de fora, e que lhe entrega uma carta que estava na mão do porteiro.

Fombreuse abre-a, lê, e quasi que se não capacita do que vê. Era uma carta d'um procurador com uma intimação a elle, Fombreuse, em nome de Montfort e mais herdeiros de Blergy, para pagar o mais breve possivel, querendo evitar que se procedesse judicialmente, a somma de mil francos, importancia d'um seu escripto de divida feito ao Sr. conde de Blergy, em 5 de janeiro de 1829, para ser pago em egual dia de 1830, *com os juros de tres annos.* »

Ja se sabe tudo mais; a demanda intentada por Didier, o embargo feito nos ordenados de Fombreuse, o seu logar perdido por causa d'isso, e emfim a penhora mandada fazer por Montfort.

(Continúa.) *Halevy.*

POESIA.

SONHO.

Il a eté vif mon songe de bonheur; mais il fut aussi d'une courte durée.
Chateaubriand.

635 Fui assentar-me á beira d'um regato
Que sôbre alvos seixinhos deslisava;
Gemia a viração nos verdes troncos
Dos salgueiros que as margens lhe vestiam;
Era de puro anil o ceu formoso
Sem a sombra siquer d'uma so nuvem.

Engastadas na abobada infinita
As trémulas estrellas refulgiam:
A lua, alvo baixel em mar sereno,
Vagarosa cortava o azul da esphera,
Os ares recendiam co'os perfumes
De mil flores que a relva matizavam.

Que magico logar, que noite amena!
Mal podia minh'alma embriagada
De tantas impressões, colhê-las todas!
Não cabiam n'um peito as harmonias
Que a natureza prodiga exhalava
Como harpa de mil cordas affinadas.

Quantas vezes contei do ceu os astros,
As pedrinhas do rio, os ais da briza!
Em vaga distracção quantas folhinhas
Não lancei na corrente fugitiva
Onde as via boiar, até sumir-se,
Como esp'ranças que nutre o desgraçado!

Adormeci por fim; antes velasse!
Appar'ceu-me sorrindo em meigo sonho
A virgem dos meus sonhos de mancebo;
Nas mãos tinha uma lyra, o ceu nos olhos,
Uma c'roa de luz lh'ornava a fronte,
Distillava da bocca o mel celeste!

« Anjo, deixa rojar-me ás tuas plantas,
« Consente-me beijar o pó que pisas,
« Morrer quero a teus pes... gemi té hoje,
« Longo tempo sem ti; mas d'ora avante,
« Fundâmos n'uma so as almas d'ambos,
« Vivamos ambos nós uma so vida! »

Dizia, e acordei: vi-me sozinho
Erguendo supplicantes mãos convulsas;
Vós, nitidas estrellas, então vistes,
O pranto que chorei; sêde piedosas,
Não digais a ninguem que fui tam fraco,
Ninguem da minha dor rirá d'escarneo.

A. Lima.

ÁS ESTRELLAS.

636 Lindas, mimosas saphiras
Que o véu da noite bordais,
Dizei-me, estrellas, dizei-me
Se acaso tambem amais.
Tereis somente por fado
Luzir, luzir, e não mais?
Não creio, estrellas, não creio,
Sois tam formosas!.. amais.

A. Lima.

ESPECTACULOS.

THEATRO-NACIONAL — SAN'CARLOS — GYMNASIO — SALITRE — TOIROS — CIRCO LARIBEAU.

637 Depois de um interregno de quasi um mez abriram-se afinal os espectaculos em Lisboa. Em quanto o povo geme, e a nação se agita no vorti e das grandes transformações sociaes, das paixões politicas, ou da avocação de seus direitos, parece imprudente, pouco moral talvez, que haja um povo no meio d'esse povo que folgue e se divirta, que ria e applauda, apar da miseria de seus irmãos, entre os gemidos de dor de seus patricios. Assim parece quando isso se olha de leve; mas não é tal. N'uma grande cidade, n'uma capital, os espectaculos são uma das primeiras necessidades publicas, a que é politico e indispensavel satisfazer. Os effeitos moraes dos espectaculos, n'uma cidade populosa, que fecha agglomerados dentro do seu recinto maior numero d'habitantes que alguma das provincias do seu reino, não podem deixar de ser uteis e necessarios os espectaculos, no centro d'essa multidão que se agita em ondas pelas ruas, onde uma grande parte é ociosa, onde outra parte vive d'esses mesmos espectaculos, onde se debatem as maiores paixões e onde ellas mais que em nenhum outro logar acham alimento e excitação a seus excessos. Os espectaculos são com effeito uma necessidade, não so para os que a elles assistem; mas até para aquelles que apenas sabem que os ha. *Panem et circenses*, gritava o povo romano, por entre os uivos das feras, quando nos amphitheatros de Roma quinhentos leões e desoito elephantes, se apresentavam á multidão em horroroso combate. E ao mesmo tempo as legiões de Mario e Sylla, o exercito de Cesar, e a batalha de Pharsalia, rasgavam o seio da patria nas dissenções civis dos ambiciosos tyrannos da republica. Poucos annos depois, quando Trajano excedendo as magnificencias de Pompeu, ajunctou ao horrivel combate de onze mil feras a lucta sanguinolenta de dez mil gladiadores, os Dacios e os Parthos degollavam as legiões romanas, e os exercitos do imperio eram derrotados na Arabia. O mundo sempre assim tem sido e hade ser. Palavras e desejos não podem mudar a condição do homem.

O reportorio do theatro-nacional, em quasi dois mezes de existencia, e tres semanas de descanso, tem sido o mais que póde ser minguado. O drama d'abertura, outro que se representou uma so vez, uma comedia n'um acto, é tudo quanto temos visto de novo. Para interesse do mesmo theatro, a actividade é necessaria na direcção d'elle. Se não hade haver em dois mezes cinco peças novas, entre grandes e pequenas, se as mesmas figuras são indispensaveis em todas ellas, para que é necessaria uma companhia tam numerosa, e como querem assim estimular a curiosidade pública?

A comedia recente, *Os tres beijos*, imitação d'uma espirituosa peça franceza, com o mesmo titulo, deveria ter agradado se houvesse sído tractada com mais mimo e singelleza, e, sobretudo, melhor representada.

O Theatro de San'Carlos continúa fechado; mas, se estou bem informado, abrirá extraordinariamente um d'estes dias. Os empresarios receiam a falta de concorrencia, e parece que ésta abertura se reduzirá a uma experiencia de tres noites, que serão augmentadas com mais dóze etc., se a affluencia publica for capaz de garantir alguns lucros. Será pena que não possamos ouvir convenientemente o tenor Moriani uma das celebridades musicas do tempo.

O theatro do Gymnasio continúa sob animadores auspicios. A sua companhia tem alguns characteres de merecimento, e os esforços da direcção podem fazer d'este theatro um verdadeiro gymnasio de artistas e poetas, se, como se diz, os dramas originaes forem alli procurados com in tancia, e acceitos com preferencia ainda mesmo a melhores composições extrangeiras. É digno de louvor, até á admiração, que um pequeno theatro sem subsidio nem protecções, se queira sacrificar a tamanha provação!

O drama d'abertura, *Paquita de Veneza*, do Sr. Perini, tem bastante merito, está sufficientemente accommodado ás fôrças da companhia, e tem sido applaudido. Sabbado representar-se-ha outro drama tambem original, *O juramento.*

No corpo de baile, ha alguns discipulos e discipulas do Conservatorio-real, e outros, de notavel vocação para a dança e mimica.

Com taes elementos, boa direcção, e favor publico, o Gymnasio póde vir a ser o nucleo de um theatro verdadeiramente popular em Lisboa, sôbre tudo se podér reduzir os preços que não estão ainda em relação com os haveres da classe para que principalmente deve ser destinado.

O theatro do Salitre deve abrir hoje (10). Com duas artistas de muitas esperanças, e dois bons actores, póde este theatro, se conseguir melhorar ainda o seu pessoal artistico, fazer uma util concorrencia a beneficio da arte e das lettras patrias.

Mas a maior novidade da semana é a abertura da praça do Campo de Sanct'Anna. O combate de toiros, que mui os presumem ser conhecido na antiga Thessalia e fazem remontar na Hispanha á maior antiguidade, tem na peninsula hispanica uma popularidade immensa. Os hispanhoes são comeffeito preconizados em toda a parte por seus *picadores*, *bandarilleros*, e *matadores*. Entre nós sabe-se que desde remotos tempos era este divertimento porventura o mais estimado dos principes e senhores. Como quer que seja, parece que o enthusiasmo pelas corridas de toiros tem esfriado muito em Lisboa. Domingo (7) a praça não estaria por metade. O *gado era bom*, como se diz em phrase de amador. A tarde não acabou sem uma desgraça. O pobre *neto*, essa plumosa notabilidade do *bando*, a triste victima na praça dos apodos e risadas do povo, foi, coitado d'elle! pertinazmente perseguido por um toiro. O singular feitio de suas pernas, assaz uteis para a firmeza da sella, foi-lhe terrivel porém na occasião de um desmontar urgente... Uma d'ellas ficou partida ou desmanchada; e perdidos os sentidos, pisado de pancadas, la recolheu o desgraçado, a curar-se do seu desastre, para apparecer, talvez bem cedo, a provocar novo infortunio! O *Cavalleiro* quiz então desaffrontar o *Neto*, ou antes aproveitar a bravura do animal, excellente para ser *corrido* acavallo. O *Cavalleiro* foi tambem *enxovalhado*, e não deveu senão á fortuna evitar um revez funesto. Pediu e obteve então licença para em desforço metter no toiro, acavallo, uma farpa curta de *capinha!* Tudo isto são infracções da *regra*, da *arte de tourear*, que não devem ser usadas nem permittidas, alias uma *corrida de toiros* torna-se n'uma vingança de carreiro. A arte manda defender o cavallo, apontar apenas a farpa, porque é o animal que deve vir enterrar-se n'ella na acção de marrar, nunca metter-se entre o toiro e a trincheira, conservar quanto possa ser a compostura do corpo... e não sei sôbre duellos, o que signifique enterrar acavallo uma farpa curta!

Di-se que M. Laribeau não póde obter do Governo a permissão de trabalhar de noite o seu Circo. Não sabemos que ésta recusa possa ser fundada em nenhuma causa de séria consideração. Ou se permittem os divertimentos públicos porque o povo gosta d'elles ou não, se não é por isso, é escusado então prestacionar os theatros, e ter uma eschola d'artistas a expensas do Estado. Mas se é por isso que a lei os abriga, então parece que tanto maior gôsto houver no povo para um certo divertimento maior razão haverá para o permittir. Deixe-se ir o povo onde elle decorosamente mais gosta de ir. A concorrencia entre divertimentos do mesmo genero poderá haver motivo para a restringir, talvez nos, de genero diverso parece absurda a prohibição.

VARIEDADES.

FESTA DO CORPO-DE-DEUS.

638 Ésta Festa solemnissima foi instituida em honra particular de Jesus-Christo no Santissimo Sacramento do Altar, pelo papa Urbano IV, em 1264. San' Thomaz d'Aquino, chamado o *doutor angelico*, foi encarregado por aquelle summo-pontifice d'escrever o officio d'esta Festa, que a igreja romana toda adoptou.

No tempo d'esta instituição estava a Italia toda agitada pelas facções dos Guelphos e Gibelinos, e ella não pôde ter então todo o seu effeito. Mas no concilio ecumenico de Vienna, em 1311, no pontificado de Clemente V, celebrado perante os reis de França, Inglaterra e Aragão, foi confirmada a instituição de Urbano IV, e mandada executar em toda a parte.

O papa João XXII, ajunctou-lhe o oitavario, para maior solemnidade, e ordenou que os Santissimo-Sacramento sahisse publicamente em procissão n'este dia solemne.

As procissões do Corpo-de-Deus sempre se fizeram entre nós com a maior magnificencia. A côrte fez d'este dia um dia de grande-galla, e a tropa ostentava n'elle toda a sua galhardia e algumas brilhantes innovações do seu fardamento. Antigamente as mascaras e apparato comico, eram muito de ver, e de custosa sumptuosidade n'estas procissões, por todo o reino. Existem nos archivos de muitas camaras-municipaes curiosas e perluxas determinações a este repeito. Pelo lado politico tambem éstas procissões teem sido, por mais de uma vez, registradas na historia.

Parece que este anno o estado de commoção pública não permitte ainda que ésta procissão se faça em Lisboa com a etiqueta e ceremonial do estylo.

MODAS.

639 Agora que, finalmente, o tempo nos dá esperanças de havermos verão, tendo-nos eliminado a primavera, não devo retardar ás minhas amaveis leitoras algumas noticias das modas da estação do melhor gôsto parisiense, que ellas adoptarão ou applicarão a seus graciosos trajos, como bem lhes parecer, na certeza de que a REVISTA dá sempre conta do mais bello e delicado do genero.

Uma das *toilettes* mais notaveis do mez passado, em Paris, era composta de um chapeu de palha arrendado, muito claro, ornado de flores do campo, infeitado á roda de *tulle* em fofos e guarnecido de fita verde, debroado tambem de palha, com as abas pouco abertos na cara, e com veu: vestido de *foulard* em riscas verdes e brancas, do feitio de *redingote* com corpo franzido, e uma *persianna* guarnecida de passamanes. Ésta persianna era redonda atraz, com cabeçãozinho, direita adiante como os antigos mantelettes, assentava nos hombros, um pouco aberta na altura do cotovello, com duas pontas, das quaes pendiam duas borlas. Um collarinho de renda completava este elegante negligé

Comeffeito os chapeus de palha merecem hoje a prefe-

rencia. São ornados de flor, e debruados de fita ou *tulle*. Os de crépe branco tambem são usados.

A fazenda chamada *foulard* para vestidos, e manteletes redondos de mousselina, fechados com um laço de fita posto muito abaixo, é o que se vê mais. As sedas de furta-cores, tambem se veem muito. As rendas brancas sôbre o azul são hoje preferidas ás pretas, menos porém sôbre o azul Maria Luiza. Usam-se tambem os fofos infeitados com fitas nas guarnições dos vestidos. As barrejas, azues claras, cor-de-rosa, cor-de-limão, ou cor de-perola, estão muito em voga para vestidos de *meia-toilette*, enfeitados com folhos guarnecidos de espiguilha.

Deresto a moda não está ainda fixa para a estação. No que todos concordam é nas fazendas leves, nos folhos, corpos franzidos, cintura muito comprida, e mangas largas. Brevemente daremos melhores informações a nossas amaveis leitoras; mormente se pegar uma certa reforma de chapeus em que se falla muito, e que por ora so se veem ás meninas; chamam-lhe á *Clarisse-Harlowe*. Estou que as minhas eruditas leitoras hão de conhecer este nome celebre: oxala que ellas, se vierem a usar d'esse enfeite, se previnam tambem d'uns *bentinhos* contra a seducção dos Lovelaces, para que so imitem no trajar a immortal heroina de Richardson...

Não quero concluir sem commemorar que as modas dos homens em Inglaterra *pronunciaram-se* contra as modas dos homens em França. É preciso que os nossos elegantes se decidam, gallos ou bretões. Das francezas é escusado dizer-lhes nada que as bem sabem elles; as inglezas é tudo ao contrário. Fato justo, abas curtas, golla baixinha, bandas estreitas, coletes pouco compridos, calça de presilha com a bota toda descuberta, etc. etc.

CORREIO EXTRANGEIRO.

640 Calcula-se que os gastos feitos pela imperatriz da Russia durante a sua estada na Italia chegaram quasi a 40,000 libras por mez!

Le-se n'alguns jornaes francezes:

« Segundo uma recente decisão do ministerio da guerra, por se haver reconhecido os bons effeitos do ensino da musica no exercito, e para se completarem as disposições ja tomadas para este ensino, foi ordenado que o estudo do canto pelo *methodo Wilhelm*, seria obrigatorio em todos os corpos d'infanteria. Os commandantes das divisões ficam encarregados de manter ésta ordem. »

Dez litteratos foram ultimamente promovidos em França, ao grau de cavalleiros da Legião-d'honra.

Um jornal, o *Brystol-Mercury*, annuncia que no dia 9 de maio último, um individuo chamado Wowles, vendêra sua mulher n'uma taverna em Axbridge, pela somma de cinco schellings, e meia-canada de cerveja.

O medico Peixoto do Rio-de-Janeiro escreveu ao 'Jornal-do Commercio' dando-lhe conta da maravilhosa descuberta que fizera do guano como remedio inevitavel para a cura da lepra.

CORREIO NACIONAL.

641 Pela galeota belga, Fanny, entrada n'este porto em 4 do corrente, chegaram 55 operarios belgas que a companhia das obras publicas mandára vir para os trabalhos das estradas.

Diz-se que o Banco de Lisboa contrahíra um imprestimo em Londres com a Casa-Rostchild, sôbre as firmas d'alguns dos seus directores.

A agencia da companhia das obras publicas, na cidade do Porto, recebeu pelo brigue D. Maria, vindo do Havre, 4 deligencias e 7 carros de rolagem, que se haviam encommendado para servirem nas estradas do Minho; e junctamente um *camion* e 13 caixotes com arreios e outras peças pertencentes aos mesmos.

A receita do asylo da mendicidade no mez de maio ultimo, foi de 694$865 réis, além de diversos donativos e tomadias em generos. A despeza foi de 745$337 réis: o deficit foi coberto pelo saldo do mez antecedente de que ainda sobraram 43$483 réis. Ficaram existindo 345 homens e 255 mulheres, total 600, e mais 4 menores em deposito em consequencia de recommendação do Governo Civil.

No mez de maio entraram no porto de Lisboa 201 embarcações e sahiram 237; d'estas são 127 portuguezas entradas e 126 sahidas: de guerra entraram 6 sahiram 6, da 1.ª classe entraram 25 sahiram 35 da 2.ª classe entraram 96, sahiram 85. As outras embarcações (entradas) são: Inglezas 37, francezas 15. suecas 3, russa 1, hollandezas 3, americana 1, norueguesas 2, belga 1, prussiana 1, sarda 1, bremezas 2; de guerra hispanhola 1, franceza 1, russas 3, ingleza 1.

No mez de maio último entraram no Supremo Tribunal de justiça 50 autos, foram julgados 77, ficaram existindo 794.

No fim de maio último existiam no Terreiro e alojamentos: 9,327 moios de trigo, 255 de cevada, 402 de milho, 162 de centeio. O trigo vendeu-se de 380 a 600 réis, a cevada de 300 a 320 réis, o milho de 260 a 320 réis, e o centeio de 280 a 320 réis.

Por uma portaria do ministerio da fazenda de 6 do corrente, se ordena ao Administrador-geral da Casa-da-moeda e papel-sellado, que não sejam selladas mais notas de cobre ou bronze que para esse fim se apresentarem.

No mez de maio último foram despachados na Alfandega das Sette-Casas os seguintes generos: para consummo: 1,997 pipas de vinho e 206 d'azeite, 20,936 arrobas de carne-de-vacca, 109 de porco, 1,425 de vitella e carneiro; e fructas e vegetaes no valor de 2,383$490 réis: para exportação: 2,694 pipas de vinho.

No mez de maio último renderam as alfandegas de Lisboa, Porto, e Sette-Casas, 367:167$338 réis.